

Entrevista – Charles Tart

23 de Julho, 2020, via ferramenta Zoom

Entrevistadores: Beatriz Vogel, Gabriel Araújo e Patrícia Barbosa

(Patrícia) Bem vindos a todos! Eu sou Patrícia Barbosa, pesquisadora e voluntária no Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia. Aqui estão meus colegas Beatriz Vogel e Gabriel Aguiar. Vamos falar sobre fenômenos parapsíquicos e estados alterados de consciência com o prestigioso Dr. Charles Tart.

Obrigado Charlie por reservar um tempo e juntar-se a nós nesta entrevista.

Dr. Tart é internacionalmente conhecido por seu trabalho psicológico a respeito da natureza da consciência, particularmente os estados alterados da consciência, sendo um dos fundadores do campo da psicologia transpessoal, e por sua pesquisa científica na parapsicologia. Ele estudou engenharia elétrica no MIT antes de se tornar psicólogo. Ele realizou seu doutorado em psicologia na universidade da Carolina do Norte e pós-doutorado em pesquisa sobre hipnose pela universidade de Stanford. Dr. Tart é membro do corpo docente principal do Instituto de Psicologia Transpessoal em Palo Alto, pesquisador sênior do Instituto de Ciências Noéticas e professor emérito de psicologia na Universidade da Califórnia. É autor de mais de uma dúzia de livros e tem mais de 250 artigos publicados em revistas e livros profissionais, incluindo artigos principais em tão prestigiosas revistas científicas como a *Science and Nature*, desde 1963. O Dr. Tart tem se envolvido e investigado os campos da psicologia, da hipnose, psicologia transpessoal, parapsicologia, consciência e atenção plena.

Um belo legado Charlie, não é mesmo? Estamos honrados em tê-lo aqui. Muito obrigado.

Deixe-me perguntar: Dr. Waldo Viera, no tratado Projeciologia, considera seus experimentos com a Miss “Z” o início da era contemporânea dos estudos sobre as projeções da consciência, conhecida, para os pesquisadores da Projeciologia, como o período laboratorial. Você é uma referência importante. De que modo você se sente sabendo que sua pesquisa teve tais repercussões, e o que você poderia falar, o que poderia nos contar sobre o experimento da miss “Z”?

(Tart) Bem, é claro que é muito gratificante que a minha pesquisa tenha ajudado a despertar nas pessoas o interesse e criado mais pesquisas. Porque, na época, eu fui capaz de fazer este estudo que descrevi, em um momento em que quase ninguém tinha ouvido falar de experiências fora do corpo, ou projeção astral como as pessoas chamam. Algumas pessoas tinham tais experiências, mas não sabiam o que queria dizer ou tinham medo de estarem enlouquecendo ou algo assim. E, para os poucos de nós que éramos interessados o suficiente para tentar estudá-las, praticamente tudo o que tínhamos para estudar eram relatos que as pessoas escreveram, às vezes meses ou anos depois de terem a experiência, o que não era de fato satisfatório. A ciência progride ao observar as coisas e observando-as mais e mais clara e precisamente.

Bem, algo aconteceu comigo que me permitiu mostrar que não temos que depender somente de relatos de coisas que aconteceram há muito tempo. Pudemos começar a estudar a experiência fora do corpo no laboratório. Minha esposa e eu tínhamos, há algum tempo atrás, rotineiramente, uma babá, uma jovem que tinha sido enfermeira e era estudante universitária. E, quando ela nos conheceu, ela percebeu que éramos pessoas que não ficavam chateadas em ouvir sobre coisas incomuns. Então, era tranquilo para ela falar para a gente sobre experiências incomuns que ela tinha, e ela mencionou que desde que ela era criança pensava que o sono normal significava que você deitava, ia dormir, e, em algum momento, durante a noite, você acordava flutuando perto do teto, olhando para o seu corpo deitado na cama; e podia durar alguns segundos ou um minuto, ou algo parecido. Então, é claro, que depois das primeiras 40 ou 50 vezes que você vê seu corpo não fazendo nada, dormindo na cama, fica muito enfadonho. E aí você voltava a dormir e acordava mais tarde, se vestia e ia para a escola. Ela considerava que isso era dormir para todo mundo. Assim, ela não tinha contado a ninguém a respeito disso até que ela chegou ao ensino médio, e, então, ao mencionar, ela descobriu que as pessoas a olhavam de forma engraçada porque não era assim para todos. Ela achou melhor manter a boca fechada.

Ela me perguntou se já tinha ouvido falar disso e eu disse a ela que sim, que isso era algo que as pessoas chamavam de projeção astral ou experiência fora do corpo. E ela perguntou o que significava: que ela realmente estava fora do corpo dela? Quero dizer, parecia real, sua mente parecia lúcida, ela estava acordada olhando para baixo ou foi apenas algum tipo de sonho, ou o que estava acontecendo? E eu disse a ela que não se sabia muito sobre isso, mas basicamente havia apenas duas teorias: uma teoria diz sim, é o que parece ser, que você está, em algum sentido, de que sua mente está perto do teto olhando para baixo, vendo as coisas abaixo, ou talvez em algum outro lugar ou algo mais. É o que parece ser. A outra teoria é que, claro, isso é impossível, que sua mente não pode sair para fora do seu corpo, então é um tipo especial de sonho. Hoje em dia, chamamos de sonho lúcido, onde, talvez, você possa saber que está sonhando naquele momento. Mas eu não igualaria sonhos lúcidos às experiências fora do corpo. Mas a segunda teoria basicamente diz: é uma ilusão, é uma alucinação, não há nada nisso.

Então ela me perguntou: “Bem, como eu poderia descobrir qual realmente é? Eu realmente estive lá em cima em algum sentido ou é apenas um sonho especial?” Assim, eu sugeri que ela pegasse dez tiras de papel, escrevesse os números de um a dez e os colocasse em uma caixa e, depois que ela fosse para a cama à noite, sem olhar, a alcançasse acima e misturasse os papéis na caixa para que acabasse com um dos números voltado para cima. Ela começou com todos eles voltados para cima e então ela ia dormir, e se ela flutuasse perto do teto naquela noite, ela olharia para baixo para ver qual era o número e o memorizaria. Pela manhã, ao acordar, checaria isso. Nós a vimos algumas semanas depois e ela disse que tentou aquilo oito ou nove vezes, e ela sempre esteve certa sobre o número. Haveria algo mais interessante que nós poderíamos fazer? A esta altura, estou sempre tentado a dizer não, só para provocar as pessoas. Mas eu não fiz. Eu disse: “com certeza, ok!” Ficou claro para ela que fazia muito mais sentido dizer que havia uma verdadeira saída, que ela estava perto do teto olhando para baixo.

Ela estava se mudando da redondeza naquele tempo, mas eu tinha um laboratório do sono à disposição. Fazia pesquisas sobre sono e sonhos de vários tipos. Eu consegui que ela viesse passar várias noites no laboratório de sono. Ela estaria conectada com eletrodos em sua cabeça para medir as ondas cerebrais, uma

pequena coisa em um dedo para medir a pressão arterial e frequência cardíaca e, eu acredito, a resistência da pele também. Todas estas mudanças durante o sono. E ela estaria conectada desta forma deitada na cama dela e eu ia ligar essas coisas. Agora, naquele ponto, ela não conseguia sair da cama, ou bem, ela poderia, mas ela teria que puxar esses fios soltos, o que faria a máquina de gravação de ondas cerebrais no quarto ao lado jogar tinta por todo o quarto. Então, ela basicamente tinha folga suficiente para virar se ela precisasse, mas ela não conseguiria sair da cama.

Após ela estar na cama dessa forma, eu iria para outro quarto e pegaria um livro, que é um livro muito fascinante - se alguém tiver problemas para dormir, é o livro de, eu esqueci o número exato agora, mas é algo como: os 100.000 números aleatórios. Sério, leitura fascinante! 2, 7, 1, 8, 9 e 4... e eu olharia naquele livro aleatoriamente e copiaria os cinco números que escolheria ao acaso e então colocaria em uma folha de papel de oito e meio por onze e, em seguida, numa pasta, e entraria na sala do laboratório onde a “miss Z” já estaria na cama. Eu os colocaria numa prateleira perto do teto. A prateleira era alta o suficiente - não dava para ver nem andando por aí na sala do laboratório, muito menos deitado na cama daquela forma. Havia também um relógio ao lado na parede. E, uma vez que estávamos esperando alguma coisa totalmente estranha e milagrosa, eu disse a ela: “Sua instrução é tentar ter uma experiência fora do corpo, e se você tiver tente flutuar alto o suficiente para ler aquele número e memorizá-lo”. Eu sabia e claro que não disse nada sobre o que era e ela não podia ver, “e então acordar e me falar sobre isso”.

Bem, ela teve uma série de experiências fora do corpo, nas quais ela foi capaz de acordar. Ela era muito boa, e ela chegou a uma ideia precisa sobre isso. Ela acordaria e diria algo como: “Eu acho que demorei cerca de dois e meio minutos para realmente despertar, e eu tive uma experiência fora do corpo que durou três minutos, exceto que eu não consegui chegar na posição para ver o número. Eu sinto muito.”

Eu tinha, então, uma série de experiências fora do corpo relatadas por ela, e pude olhar para as ondas cerebrais dela e outros dados corporais. A primeira coisa que aprendi com isso foi reafirmação. Nenhum médico iria olhar para essas gravações e dizer: “ligue para a emergência, esta mulher está morrendo”. Não, era um pouco diferente do normal, mas nada surpreendente. Porém, suas ondas cerebrais eram diferentes do que as que ela costumava ter. Quero dizer, comparando as ondas cerebrais normais, entre as de dormir e sonhar, parece que ela tinha um padrão de ondas cerebrais associado às experiências fora do corpo que pareciam meio com as que você tem quando começa um sonho comum, exceto que tinha uma característica incomum nestas. Ela tinha o que são chamadas ondas alfa que normalmente você tem quando fica acordado e relaxado. Mas essas eram ondas alfa que eram definitivamente mais lentas que as do estado de vigília normal.

Ok, tivemos uma experiência singular ocorrendo no laboratório, acompanhado por um estado de ondas cerebrais singular. Eu mostrei esse padrão de ondas cerebrais a um dos maiores especialistas mundiais em padrões de ondas cerebrais. Nós tínhamos cem por cento de concordância. Ambos dissemos: “parece esquisito - não sei o que significa”. Mas isso é um começo. Você sabe que algo incomum está acontecendo.

Somente uma noite ela disse que estava em posição para ver o número e ela me disse o número. Se eu me lembro corretamente, isso foi há muito tempo, o número era: 2, 5, 1, 3, 2. Se realmente for importante, você deveria tentar obter o artigo original que está no meu website. Porque o que eu escrevi na época é muito

mais preciso do que eu posso lembrar tanto tempo depois. Então, ela corretamente relatou o que teria sido visível de uma posição perto do teto. Ela não olhou para o relógio, mas ela se atentou para o número. Eu fiquei impressionado. Ela ficou impressionada. Mais uma evidência para ela que, em certo sentido, ela estava realmente lá em cima.

Agora, eu tenho falado sobre isso em conferências ao longo dos anos, e é engraçado, a principal pergunta ou crítica que recebo é alguém dizendo: “Dr. Tart, você sabia qual era o número?” Quando eu digo “sim”, eles dizem: “oh, ela não estava realmente fora do corpo dela, era apenas telepatia”. “Desculpe, não pensei em fiscalizar por mera telepatia no primeiro experimento já feito assim. Eu vou tentar lidar com isso da próxima vez”. Eu, ocasionalmente, tantos anos depois, ainda recebo cartas sobre isso, as pessoas dizendo: “você não pode reivindicar ter provado isso, que ela realmente estava fora do corpo dela”. E eu digo a eles: “Por favor, leia o artigo. Eu não fiz essa afirmação”. Eu disse que se encaixava nesse tipo, nesta maneira de pensar sobre isso, mas isso é principalmente uma demonstração de que você pode estudar isso no laboratório.

Eu era jovem e ingênuo e esperava que muitas pessoas, de repente, encontrassem pessoas que poderiam fazer isso pela vontade, e fazer esses experimentos. E claro que não aconteceu. Algumas pessoas me perguntaram por que eu não fiz mais desses experimentos. Bem, ela mudou-se para o outro lado do país e então eu perdi totalmente o contato com ela. E também percebi naquele momento que, se eu tivesse ido em frente e feito mais e obtido bons resultados, eu provavelmente teria sido demitido do meu trabalho como professor. Eles não teriam sido capazes de suportar tanta parapsicologia acontecendo.

Mas eu estava feliz, sabe? Era viável começar a estudar isto. Então, esse foi o primeiro estudo em laboratório que me levou a estudar a experiência fora do corpo. Eu fiz alguns com Robert Monroe, cujos livros são excelentes. Além disso, ele era outra pessoa que dizia: “Você conhece isso. Eu sei que você acha que eu sou louco, mas isso é o que aconteceu comigo”. E eu o conhecia bastante bem. Ele era um homem honesto tentando descobrir o que estava acontecendo. Ele não conseguia ler um número assim, mas ele fez muitos outros tipos interessantes de coisas.

Então eu penso que, se a experiência fora do corpo fosse apenas uma experiência e ninguém nunca tivesse identificado corretamente qualquer coisa acontecendo em outro lugar do mundo que não pudesse conhecer com seus sentidos normais, ok. Ainda assim, seria muito interessante, pois é de onde tiramos a ideia de uma alma. Que quando você está lá é realmente impressionante. Mas o fato de que, às vezes, pessoas por conta própria têm uma dessas experiências, dizem a você o que está acontecendo à distância, quando elas não poderiam saber de outra maneira, e numa situação de laboratório isto acontece também, faz você pensar: “sim, a mente pode sair”.

Agora, houve resultados de longo prazo referentes a isto. Após alguns anos, em vários ambientes hospitalares diferentes, algumas pessoas disseram: “Temos pessoas morrendo aqui o tempo todo e então sendo ressuscitadas. Podemos colocar um número ou uma imagem no topo de um dos equipamentos na sala de operação ou unidade de terapia intensiva e ver se eles nos dizem o que está lá”. E, eu não acompanhei isso de perto, mas eu acho que tem sido feito em três ou quatro locais diferentes neste momento. Eles não tiveram

sorte com ninguém identificando o alvo lá em cima e, na verdade, acabei de escrever um artigo referente a isto, que eu enviei ao *Journal of Near Death Studies* (revista de estudos de quase-morte) para publicação, pois eu disse que as circunstâncias são muito diferentes.

‘Miss Z’, como eu a chamei, era alguém que tinha tantas experiências fora do corpo que se tornaram enfadonhas para ela, e elas não se transformaram em experiências de quase-morte. Agora, deixe-me fazer uma distinção aqui. É uma distinção ideal, e na vida real as coisas ficam um pouco mais confusas, mas eu chamo de experiência fora do corpo aquela que você se encontra percebendo, a partir de um local diferente de onde você sabe que seu corpo físico está no momento, e você sente que sua consciência está perfeitamente lúcida. É bem normal, e você não sente como se fosse um sonho. Às vezes as pessoas dizem que é ainda mais real do que o real, seja lá o que isso signifique.

A experiência de quase-morte, embora possa começar com uma experiência fora do corpo, não necessariamente vai evoluir, mas também envolve mudança para um estado alterado de consciência. O problema dessas pessoas que morreram numa mesa de operação, ou algo semelhante, é que provavelmente estão vendo uma abertura, um túnel, e há uma percepção de que “vou falar com Deus”. Quem vai ficar por aí olhando o topo do equipamento para ver se há qualquer coisa? Isso parece deslocado. Eles não tentaram com algo que interessaria a alguém. Eu sugeri algo, que não sei se isso funcionará como exemplo transcultural, que é o chapéu da Carmen Miranda. Então, a Carmen Miranda era uma estrela de cinema internacional nos anos 30 e 40, e ela costumava vestir chapéus absolutamente ultrajantes que tinham frutas de todos os tipos e em cima. E eu disse: bem, você sabe, depois da pessoa estar totalmente apagada, uma enfermeira ou um médico deveria ir nestas cabines fechadas e colocar este chapéu de Carmen Miranda que tenha um número em cima ou algo assim. Algo, que mesmo que você tivesse um encontro marcado com Deus, você tem que olhar para esta coisa louca que simplesmente exige sua atenção. Se alguém vai prestar atenção, eu não sei.

Enfim, foi assim que eu saí das experiências fora do corpo. Desde então, estudei todos os tipos de estados alterados de consciência, assim como tipos cotidianos de telepatia e uma vasta variedade de coisas, tentando ver o que são algumas dessas outras habilidades da mente humana, além do que podemos fazer com um cérebro físico e um corpo físico.

(Gabriel) Às vezes, a pesquisa sobre experiências fora do corpo pode ser vista como algo sem valor científico e ainda é, em grande parte, um tópico tabu em certos campos. Por que cientistas materialistas convencionais têm tanta dificuldade para deixar suas premissas básicas, mesmo com tantas provas contra o materialismo? Por que isso ocorre ainda hoje?

(Tart) Bem Gabriel, você seria meu amigo se eu dissesse que tudo que você sabe é bobagem? Que você está apenas vivendo em um mundo cheio de ilusões, algumas delas amplamente difundidas, e você está totalmente errado sobre tudo?

A ciência materialista tem sido extremamente bem sucedida. Apresentar-se como um cientista é dizer que “tenho uma posição de prestígio muito alta na sociedade, e que eu entendo como o mundo funciona”.

Especialmente se você for um dos de realmente alto prestígio, como um físico. Você sabe que esses são os nossos sumos sacerdotes da ciência em termos de materialismo. O materialismo funciona muito bem em coisas materiais. Eu posso entender se meu carro está me dando problemas. Eu não o levo para um médium, eu levo para um mecânico, pois essas são as pessoas que sabem como lidar com carros. Além disso, a realidade é assim devido a esse preconceito de que só o que é material é real. O cientista ordinário nunca viu qualquer evidência de qualquer tipo para dizer que há mais do que apenas as operações físicas do cérebro. As pessoas estão presas a uma mentalidade que é realimentada desta forma. É difícil abandonar um sistema de crença muito primário.

Eu analisei tanto condições fisiológicas como físicas que podem auxiliar na telepatia. Algo assim eu acho fascinante. Mas eu também acho que, para estudar algo como a telepatia ou experiências fora do corpo, precisamos olhar para outras coisas.

(Gabriel) Charlie, que métodos você acha que nós podemos usar para pesquisar um fenômeno mediúnico? Já que você falou que precisamos de novos métodos, uma nova maneira de lidar com esses fenômenos, que métodos você acha que podemos usar para fazer este tipo de pesquisa? E quais são as principais conquistas a que chegamos até o momento?

(Tart) O método de que precisamos neste momento é a compreensão de que a pessoa que faz a pesquisa é o instrumento de pesquisa. E qualquer cientista sabe que o instrumento de pesquisa precisa ser mantido limpo, mantido calibrado para dar respostas corretas.

Entretanto, eu não conheço nenhum campo da ciência onde eles examinem a pessoa que quer obter um diploma avançado nisso, para ter certeza de que sua mente está funcionando com clareza. Se eles derem as respostas certas de acordo com os livros, acham que isso significa que você é esperto. Mas é preciso mais do que isso para, por exemplo, treinar pessoas para serem investigadores do mundo interno, do mundo experiencial. Eu faria algo como um ano de psicoterapia como parte do treinamento. Pois qual parte da sua mente automaticamente distorce as coisas?

Vou dar um exemplo: anos atrás, eu estava em um grupo de crescimento espiritual e psicológico, onde o psiquiatra que liderava o grupo introduziu um novo método no qual ele queria que nós trabalhássemos. Ele conhecia uma pessoa que era um médium que afirmava ser capaz de contactar pessoas mortas. Aquele médium alegou que tinha contactado um psicanalista morto, e aquele psicanalista morto estava infeliz porque ele realmente tentou ajudar pacientes durante toda a sua vida mas, de sua perspectiva mais ampla sobre o outro lado, ele viu que a forma como a psicanálise era feita simplesmente não era muito eficiente. Assim, ele estava vindo com formas mais eficientes que pudessem ser feitas para que uma pessoa consiga entender a si mesmo.

Então, o líder do nosso grupo iria adotar isso para um formato grupal e íamos usá-lo uns nos outros para que começássemos a conhecer quais são os nossos bloqueios, quais são as nossas neuroses, quais são nossos preconceitos e afins. E ele trouxe aquele parapsíquico mediúnico para apresentá-lo ao grupo. Bem, a pessoa entrou e eu devia estar no final dos meus 20 anos, e naquele ponto realmente sabia quase tudo sobre a vida. Eu olhei para aquele cara e ouvi ele falar por um minuto e disse: “esse médium é uma fraude”. Ok, eu

conheci alguns bons médiuns. Aquele cara estava cheio de si, o ego dele era muito grande! “Uma terapia faria bem para ele, e ele está fingindo todas essas coisas de parapsiquismo”.

Mas o psiquiatra que dirigia nosso grupo tinha muita confiança no grupo e eu decidi “tudo bem, vou passar por esta terapia”. E implicou em, não sei, 14, 15 semanas de alguns tipos de exercícios muito intensos que envolviam entender a maneira como nós éramos condicionados por nossos pais a sermos ambos, inteligentes e capazes, e também a sermos realmente loucos e bons, amorosos e normais. Acabou que você tinha muitos insights sobre por que seus pais eram, como eles eram, o que fez seus pais ficarem juntos e também um ponto onde você pôde perceber que, *heii*, eles eram apenas humanos fazendo o melhor que podiam. Mesmo que eles realmente lhe bagunçassem de diversas maneiras, você os perdoa.

Ok, tivemos uma última sessão. Havia um grupo envolvendo aquele médium novamente para nos conduzir em um último exercício. Ele entrou e eu olhei para ele e o percebi, resultando dessa terapia, ele tinha todas as qualidades externas que meu pai tinha quando ele estava no seu pior. Na realidade, eu nunca tinha visto ele. Ele havia ativado uma projeção dos meus conflitos não resolvidos com o meu pai, e eu não pude ver o que realmente estava lá. E, então, eu tinha uma visão do mundo incrivelmente distorcida. E agora eu fui capaz de relaxar. Não posso brincar e dizer que me liberei disso completamente, mas eu relaxei. Isto e senti como se este instrumento, esta habilidade de observar a mim e minhas reações, e como era com outras pessoas, foi limpo de várias maneiras. Que é o tipo de coisa que eu acho que deveria ser feito no treinamento meditativo, para aprender ambos: o foco e deixar as coisas fluírem com equanimidade.

Tudo isso é muito importante. Se, por outro lado, for mais uma questão de eu fazer este exercício espiritual e, “*oh*, agora eu vi Deus e ele me disse a verdade, e eu vou sair por aí para fazer todo mundo ver o quão superior eu sou!!”, *uh-uh* você está encrocado. Embora seja o que comumente acontece.

(Beatriz) Você está dizendo que algo como meditação pode então te ajudar a discriminar. Quais outros métodos poderiam ser usados para distinguir entre verdade vital nas pesquisas da consciência e ideias sem sentido?

(Tart) A resposta científica padrão para isso é o teste da sua teoria, o seu entendimento de sua ideia. Não é se soa maravilhoso ou se você realmente acredita do fundo do seu coração, ou se está na moda. É se vai prever o que vai acontecer a seguir. Ok, temos uma teoria de que vivemos em um campo gravitacional e, embora eu nunca tenha largado esta régua antes, eu vou fazer uma previsão com base nessa teoria de que ao eu soltá-la, ela irá cair (solta a régua). Ah, a teoria funciona! Se esta régua tivesse flutuado, aí eu teria que começar a modificar minha teoria. Pelo menos não é bem aquela força universal que existe, houve mudanças.

Assim, o teste final é fazer previsões. Não, isso não é fácil de fazer e nem conveniente fazer muitas vezes. Eu diria que parte disso é: “Faz sentido em termos de outras coisas que você sabe sobre o mundo? Isso faz você se sentir superior?” Se lhe fizer sentir como: “eu realmente sou inteligente e aquelas outras pessoas comuns são realmente burras”, eu acho que é uma boa ideia suspeitar disso.

E não é apenas a meditação. Sabe, a meditação aparece agora em tantas formas diferentes que é quase uma palavra inútil. Meditação significa que você faz algo incomum para você. Quem sabe o que pode aconte-

cer? Há muitos tipos diferentes de meditação e firulas, mas há algumas que te deixam mais lúcido sobre o que você está percebendo e lhe tornam mais sensível ao que está acontecendo.

Assim, por exemplo, uma das técnicas de crescimento espiritual que eu estou investigando, praticando já há anos, foi algo apresentado por este homem: George Gurdjieff. Ele falou sobre aprender a passar pela vida comum mantendo um pouco da sua consciência das sensações em seu corpo. Pois sensações em seu corpo frequentemente significam que há uma emoção começando a acontecer, e você pode não estar ciente dessa emoção. Mas uma emoção pode mudar a maneira como você percebe o mundo. Se eu estiver de mau humor: “oh povo desagradável, vocês me deixam muito bravo”. Você faria algo assim. Bem, e quando estou de bom humor: “uau, você é um anjo!” Mas se você estiver mais sintonizado com os sentimentos no corpo você pega essas coisas antes que elas assumam completamente o controle de você.

Então, você sabe, há muitas e muitas maneiras. Estamos apenas aprendendo sobre crescimento espiritual. Tem sido um luxo para as pessoas, através da maior parte da existência humana, pois já é difícil conquistar o mundo físico e ficar vivo.

(Beatriz) Em seu artigo, o que você nos enviou, ‘O Potencial Papel do Psiquismo em uma Ciência Expandida do Físico, do Experiencial e do Espiritual’, você declarou que os fenômenos psíquicos e suas implicações são muito importantes para as pessoas em geral, bem como para os cientistas. Quais são os problemas colocados pela existência de fenômenos parapsíquicos e por que eles são essencialmente interessantes?

(Tart) Estou feliz que você fez uma pergunta tão simples! (rs) Deixe-me falar sobre as maneiras pelas quais os fenômenos parapsíquicos podem ser mais úteis. Digamos que você seja algum tipo de psicoterapeuta e um cliente chega e ele está infeliz, e seu trabalho é tentar ajudá-lo a descobrir por que ele está infeliz, o que ele está fazendo que seja desadaptativo e cause infelicidade, e ajudar a treiná-lo a fazer outras coisas que não traga tantos problemas e assim por diante. Mas pode levar muito tempo. Então, por exemplo, as pessoas costumavam dizer que a psicanálise era muito eficaz após os primeiros sete ou oito anos de psicanálise semanal.

Mas poxa, quem tem todo esse tempo para fazer algo assim? Como você poderia ser mais eficaz? Então, se você tivesse uma noção melhor do que o cliente tem, de quais são os problemas deles, você poderia ser capaz de guiá-lo melhor, ao invés de ter que ouvi-lo falar por 27 semanas antes de começar a ter uma pista de que tinha a ver com tal e tal coisa. Se você tivesse um guia parapsíquico que dissesse: “pergunte a ele sobre a irmã dele”, você perguntaria a ele sobre sua irmã e ele iria surtar: “o que quer dizer, me perguntando sobre a minha irmã?”. E você poderia encorajá-lo a começar a falar a respeito, para que você possa obter pistas de coisas escondidas. Como psicoterapeuta isso poderia ser muito útil.

Ou em visualizações remotas como outro exemplo. Eu fui um consultor nos projetos de visualização remota que o governo patrocinou por muitos anos e uma das formas que poderia provar ser útil estava nas missões de resgate. Suponha que alguma pessoa que você queira resgatar foi sequestrada por terroristas e você não sabe onde ela está sendo mantida, e você finalmente começou a obter algumas informações, mas existem quatro locais onde a pessoa que foi sequestrada poderia estar sendo mantida. Porém, você tem somente um número limitado de pessoas que você poderia tentar enviar lá. Como equipe de resgate você não pode fazer

todos os quatro de uma vez, e com o primeiro você sabe que vai alertar a todos que algo está acontecendo. Se você pudesse ter um visualizador remoto, ver remotamente cada um desses locais, e se você de certa forma calibrar seu visualizador remoto, você saberia que esta pessoa é muito confiável em tal e tal tipo de informação, mesmo que não seja muito boa em outros tipos. Você poderia dizer: “Ok, podemos não ter certeza absoluta, mas a julgar pelo histórico, podemos ter 80% que a pessoa sequestrada está sendo mantida neste local. E é para onde enviaremos nossa equipe de resgate”. Esse é outro exemplo.

É difícil pensar em uma área onde a percepção parapsíquica não poderia ser útil. Por exemplo, no início do último século um dos teosofistas cujo nome escapou a minha mente, teve uma visão onde foi pedido que olhasse como os átomos são construídos. E isso foi muito antes de termos qualquer tipo de instrumentos físicos que poderiam te dizer qualquer coisa sobre átomos. E, em vida, ele inventou diversos tipos de diagramas interessantes, que um físico amigo meu disse serem alguns deles bastante precisos. Agora, passados 50 ou 100 anos, quando descobrimos como as coisas podem funcionar. Não que a atuação parapsíquica vá provar a cura para tudo. Podemos fazer mau uso da nossa atuação parapsíquica da mesma forma que podemos usar indevidamente qualquer uma das nossas habilidades.

(Patrícia) Acho que depende da nossa intenção, não é isso? Parapsíquico ou não, é o que guia nossas ações, eu concordo com você. Charlie, você falou sobre diferentes tipos de fenômenos, e eu me pergunto se seria possível para as pessoas comuns desenvolvê-los? Pois você acabou de dizer que há muitos benefícios nestes fenômenos. E outra coisa: você acha que as vibrações que levavam Robert Monroe a conseguir as experiências fora do corpo podem ser feitas por qualquer pessoa? Esses estados vibracionais são úteis para induzir qualquer estado alterado de consciência, ou telepatia, ou qualquer outro tipo de fenômeno?

(Tart) Eu vou responder sobre o Monroe primeiro, porque é relativamente fácil de responder. Ele sentia vibrações como parte da preparação para sair do corpo. Eu certamente li relatos de pessoas que tiveram experiências fora do corpo que não mencionam nada como vibrações. Então, pode ser uma maneira útil para algumas pessoas, mas não para outros, e isso geralmente é verdadeiro. Uma técnica de meditação ou algo que produza muitos efeitos para uma pessoa pode ser uma completa perda de tempo para outra.

Espero que algum dia tenhamos estudado tipos suficientes de técnicas para induzir estados alterados ou desenvolver habilidades parapsíquicas, que possamos então dizer para uma pessoa pegar esses testes de personalidade com o qual vamos descobrir que tipo de pessoa você é: “Ok, agora sabemos que das 10.000 pessoas que já testamos que, o que quer que você faça, você não deve fazer zen porque 30% das pessoas que são como você e que praticam zen acabam tendo um surto psicótico. É muito perigoso. Outros 10% têm uma experiência de iluminação maravilhosa. Mas a dança sufi parece funcionar muito bem para pessoas como você”. Então, eu não sei se isso é feito universalmente ou não.

Há um sentido em que qualquer coisa diferente possa ser útil. Por que não somos parapsíquicos o tempo todo? Bem, a quase todos nós que somos normais nos foi dito desde que éramos crianças que não há coisas parapsíquicas, ou que são obra do diabo, ou que eles são um sinal de insanidade. Então, temos um forte condicionamento de que não se faz esse tipo de coisa. Você nem mesmo tenta fazer esses tipos de coisas. Bem,

se você não tenta nada, isso não acontece. Simplesmente mudando as circunstâncias, “oh ok, agora este é um ritual especial, em um lugar sagrado”, e as regras normais não se aplicam, podendo permitir que algumas pessoas apresentem habilidades parapsíquicas que elas não teriam de outra forma.

Mas eu estou tendo que ser muito genérico aqui, pois, para ser realista, não há quase nenhuma pesquisa sendo feita de forma científica sobre habilidades psíquicas. Eu costumava brincar com alguns dos meus colegas que, por muito tempo, eu fui 50% da instituição acadêmica científica fazendo pesquisas parapsicológicas. Isso é ridículo! Éramos em dois e então ela se aposentou e ficou só eu. Há muito poucas pessoas fazendo pesquisas, e muitas ideias que podem funcionar. Falta somente as pessoas ao redor para experimentá-las. E realmente é necessário especialistas que trabalhem muito em coisas específicas para ver onde eles podem chegar.

(Patrícia) Você declarou, e estou curiosa agora, que passou muitos, muitos anos estudando o parapsiquismo. Mas você já tentou desenvolver qualquer habilidade parapsíquica?

(Tart) Sim, sim! A maioria das evidências laboratoriais referentes às habilidades parapsíquicas vieram de experimentos do tipo realizados no laboratório de Joseph Rhine na Universidade Duke, começando nos anos 30, na verdade antes de eu ter nascido, e se basearam na psicologia. Mas é muito limitado, pois a maioria dos psicólogos que fazem pesquisa estão em universidades. E, em todo caso, alunos do segundo ano estão prontamente disponíveis, e o tipo de evidência que você obtém são evidências de grupo. Por acertarem mais coisas do que eles fariam ao acaso, sozinhos, você ocasionalmente seleciona uma pessoa em particular que parece estar muito melhor. E então há algumas pessoas que parecem naturalmente, por razões desconhecidas, ter mais habilidades parapsíquicas.

Uma das linhas mais intensas de pesquisa que fiz anos atrás, veio de pensar sobre os testes que foram feitos - deixa eu ver se algo nesta gaveta está disponível... Sim! Eu não tenho um slide, mas eu tenho um suporte (tira as cartas de Zener da gaveta). O laboratório de Ryan queria algo que pudesse ser avaliado estatisticamente, se você estava fazendo mais do que apenas isso. Então eles surgiram com estas Cartas de Zener: quadrados, círculos, sinal de mais, linhas onduladas, estrelas, e acho que é isto. E quando você adivinha ao acaso, em um baralho de 25 destas cartas, há apenas uma chance de 20% de você conseguir acertar.

Eu comecei a pensar sobre isso decorrente de uma aula em que fui forçado a cursar na graduação, porque fazia parte do currículo. Eu achei muito chato e não queria fazer, e era às oito horas da manhã, sendo que eu ficava acordado a noite toda com assuntos em execução no meu laboratório de sonho. Era uma aula sobre aprendizado, e era tudo sobre treinar pombos e ratos e pessoas em coisas como essas. E comecei a pensar em aplicar os resultados disso.

Entretanto, para o teste ESP (teste de percepção extra-sensorial), o teste ESP padrão seria que eu poderia embaralhar este baralho de cartas muito bem, sem olhar, e então abaixar ele e pedir para você escrever qual é a ordem do baralho de cartas e depois iríamos compará-las e olhar para elas. Você não recebe nenhum *feedback* enquanto avançamos, pois isto iria bagunçar o cálculo das probabilidades. Quero dizer, você na realidade começaria a contar as cartas, então você não pode fazer isso.

Mas percebi com aquela aula que isto era o que os psicólogos chamam de um paradigma de extinção. Você faz com que um organismo, seja um rato, ou um pombo, ou um estudante do segundo ano, faça alguma resposta repetidamente e você não dá a eles nenhum *feedback* naquele momento. E então, mesmo que no começo eles tivessem algum talento para fazer isso, eles gradualmente ficariam confusos e a pontuação cairia ao acaso. Bem, uma das descobertas mais consistentes em testes de adivinhação de cartas ESP foi o chamado efeito de declínio. Quando você continua testando as pessoas de novo e de novo, as pontuações delas só pioram, até que finalmente elas não mostram nada além do acaso. Eu disse: “oh, estamos conduzindo pessoas por um paradigma de extinção e elas se extinguem, elas perdem a habilidade delas”. É totalmente legítimo, não é o acaso. O acaso não se cansa ou perde a motivação, ou algo semelhante. Eu também propus isto como uma teoria, que eu não acho que meus colegas particularmente acolheram, porque eu disse: “vocês estiveram matando os fenômenos que vocês desejaram estudar todos estes anos”.

Mas o outro lado disso era conseguir se livrar do problema de contar cartas. Então, se você der imediatamente *feedback* às pessoas: “Ok, acho que são linhas onduladas. Não. Não? Bem, eu acho que estas são as linhas onduladas. Oh, eu estava certo!” Agora, o que foi diferente em meu estado interno? Naquele momento poderia haver algo que, quando a ESP realmente funcionou, houve alguma sensação que eu poderia aprender identificar? Assim, desse ponto em diante, posso dizer: “Não tenho aquela sensação, eu nem vou adivinhar. Neste eu não tenho aquela sensação. Eu acho que é um círculo. Não!” Bem, a sensação não é 100% confiável.

Você deve ser capaz de treinar as pessoas a se saírem melhor em um teste ESP e eu e meus alunos realizamos um grande experimento. Primeiro nós sondamos as pessoas dando a elas um rápido teste ESP, em várias classes onde o professor nos desse os últimos 10 minutos de aula, trazendo os que pontuaram alto. Agora, alguns conseguiriam somente ao acaso. Mas então eles seriam testados individualmente, e se eles fossem bem, nós lhes daríamos um treinamento prolongado com uma máquina especial, onde eles adivinhariam uma de dez possibilidades, ou quatro possibilidades. Nós daríamos *feedback* imediato e não importava se eles soubessem o que era, porque usamos um gerador aleatório. É como se eu fosse tirando de um baralho infinito de cartas. Não importava se você soubesse o que já tinha sido tirado, pois não muda as probabilidades. O efeito de declínio desapareceu, e alguns deles começaram a ficar melhores.

E então fiquei sem tempo para continuar aquela pesquisa. Eu me envolvi na pesquisa de visão remota. Mas sim, eu acho que é possível treinar pessoas. E o procedimento de visualização remota, de certa forma, incorpora um paradigma de treinamento de *feedback* imediato. Eles não falam sobre as pessoas recusando, eles falam sobre pessoas que são visualizadores remotos que continuam a fazer tão bem como sempre, mostrando algumas coisas significativas. Isto porque costumam fazer tentativas únicas e então dão algum *feedback* sobre o quão bem eles foram. Assim, certos visualizadores aprendem: “Você sabe, se eu sentir uma sensação de frio quando eu fizer isso, eu deveria explorá-la, isso é muito bom”; “quando eu tenho certeza absoluta é porque eu estou sempre errado. É melhor eu manter minha boca fechada quando eu sinto isto”. Estou só inventando alguns possíveis exemplos. Então, sim, eu acho que pode ser treinado.

(Gabriel) Acrescentando ao que a Beatriz falou anteriormente, você escreveu que você tinha certeza que os fundadores de algumas religiões tiveram experiências fora do corpo, ou algum fenômeno psíquico ou parapsíquico. Esta mistura de objetos de pesquisa, entre ciência e religião, não afeta a credibilidade das habilidades parapsíquicas? Pois quando você tem o mesmo objeto estudado pela religião e pela ciência, obviamente de maneiras diferentes, o fato de o objeto ser o mesmo não tira a credibilidade da ciência nesta pesquisa? Temos algumas religiões que tentam explicar os fenômenos parapsíquicos, e a razão pela qual eles explicam o que são, ou tentam explicar, por suas teorias ou pelos dogmas, não torna este campo inapropriado de alguma forma?

(Tart) Você respondeu sua pergunta lá em uma única palavra quando você disse dogma. Eu acho que os fundadores de provavelmente todas as religiões tiveram algum tipo de experiência de estado alterado. Ok, um homem pode ter estado fora do corpo, pode ter sido só uma experiência mística ou algo parecido, mas o comum sumiu, e isso é incrível. Sobreveio o sentimento vívido da verdade por verem coisas novas. Agora, eles geralmente sentem como sendo um grande avanço em relação ao estado normal. E então eles eram boas pessoas e queriam compartilhar com as pessoas: “olha, eu vi que há incrível beleza no mundo que Deus colocou lá”. E eles saíram por aí compartilhando isto com as pessoas. E então duas coisas aconteceram: algumas poucas religiões, na verdade o único exemplo que conheço e consigo pensar é o Budismo, disse: “Mas eu não quero que você acredite nisso só porque eu experimentei. Aqui está o que eu fiz para ter este tipo de experiência. Aqui, essas práticas de meditação e este estilo de vida. Tente, e se você tiver as mesmas experiências você saberá que estou falando sobre uma verdade importante”. Aqui o outro grupo tendia a dizer: “Esta é a verdade”, e meio que levando com isso, “e o que eu vi não é mais uma nova e interessante maneira de dizer as coisas. É A Verdade, e é meu presente de Deus, e é melhor você acreditar ou você vai para o inferno”. Torna-se dogma.

Eu fiquei muito surpreso que religiões organizadas não mostrem mais interesse em parapsicologia, pois fornece algumas evidências de que “ei, o universo é maior do que apenas as coisas físicas”, e que há coisas que estão na direção do que a religião fala. Mas temos que continuar testando. Não há verdade absoluta na ciência. É tudo o melhor que podemos dizer por enquanto. Mas podemos sempre testar. Mas a religião transforma as coisas em um dogma e você não é encorajado a testá-lo. Você é fortemente desencorajado. Se você quiser testar, isto é heresia. Quando a igreja católica decide, por exemplo, isso é como eu entendo, se alguém deve ser canonizado, torná-lo santo, isso é um grande negócio. Eles nomeiam investigadores para investigar toda a vida da pessoa. Eles têm que ter realizado pelo menos um ou talvez dois, não tenho certeza, milagres. Coisas que são claramente tipos de fenômenos paranormais. E, isso é muito importante, eles nunca devem ter pregado qualquer coisa que vá contra a doutrina católica existente. Isto preserva a organização, mas isso não é ciência.

A ciência progride porque você pode questionar. Como alguém certa vez descreveu para mim: você pode ter um seminário no departamento de física de Harvard e este físico vencedor do prêmio Nobel está dizendo a você como as coisas funcionam e escrever equações no quadro e algum estudante de graduação do primeiro ano levanta e diz: “Com licença professor, mas acho que você cometeu um erro nesta equação. Aqui realmente deveria ser assim e assim”. “Oh... Tenho que mudar a teoria. Isto não funciona muito bem”. Na religião, quero dizer, as religiões são praticamente fenômenos sociais. Quero dizer, há muito de bom proveniente delas, mas são fenômenos sociais, que podem manter o aprendizado comprimido.

(Patrícia) Tenho uma última pergunta. Em seu livro ‘Estados Alterados de Consciência’, você mencionou que o vocabulário das sociedades ocidentais é muito limitado para esses alunos de parapsicologia, para uma nova ciência com foco em consciência integral e suas manifestações. Você acha que os neologismos são importantes para permitir pesquisas futuras?

(Tart) Precisamos criar o novo, e às vezes, ok, é uma linha muito estabelecida para criar um novo termo. Faz você se sentir inteligente. Se você se apega a se sentir inteligente, então sua mente tende a se estabelecer em proteger o neologismo, e proteger sua sensação de ser realmente inteligente e o sentimento de outras pessoas de que você era realmente esperto. Se, por outro lado, a nova palavra que você criou faz você ver as coisas de uma maneira diferente, isto pode levar a um grande progresso. Então, os neologismos são muito úteis e muito perigosos. Do mesmo modo que todas as palavras.

Eu tive uma voluntária que me ajudou por muitos anos digitando papéis e coisas do tipo que eu tinha ditado, e ela digitou errado algo que falei sobre uma estrutura (*framework*) para pensar sobre algo. E ela ouviu mal e digitou como uma “palavra-moldura”: *f-r-a-m-e-w-o-r-d*. Primeiro, pensei: “oh, há um erro” e então eu pensei que não, que isso é brilhante, porque as palavras fazem enquadrar as coisas. Dizem que você olha para isso deste ângulo.

(Patrícia) Uau! Essa é uma abordagem muito interessante, porque concordamos que às vezes precisamos “sair da caixa” para tentar perceber.

(Tart) Eu vou te dar uma história divertida de *framework*, que se relaciona com a experiência fora do corpo. Quando escrevi meu primeiro artigo sobre experiências fora do corpo, eu sabia que parte do trabalho de conseguir a atenção das pessoas era falar a linguagem da ciência. Bem, a ciência é vasta em acrônimos. Quando você vê um acrônimo como um O.B.E., você sabe que está falando de projeção astral que é uma coisa meio estranha. Mas eu escrevi o artigo falando sobre O.O.B.E.S (Out of Bodies Experiences) com todas letras maiúsculas. Mal percebi que tinha cometido um terrível pecado semântico. Nunca me ocorreu que as pessoas pronunciassem como uma palavra. Porque as pessoas começaram a vir até mim depois das palestras e diziam: “eu tive uma *ubi*, quero te contar sobre minha *ubi*”. Foi bem divertido, mas eu deixei cair o “O” adicional.

(Patrícia) Charlie, muito obrigado por esta entrevista, foi muito agradável e também muito esclarecedora. E estamos honrados com sua participação no sexto Congresso Internacional de Projeciologia e também por essa conversa aqui. Muito obrigado.

(Tart) Obrigado pessoal por suas perguntas e espero ter dito algo errado e que esteja incomodando no fundo da sua mente, e então você descobrirá uma maneira melhor de dizer isto.

Charles T. Tart, Ph.D., é internacionalmente conhecido por seu trabalho psicológico sobre a natureza da consciência, particularmente estados alterados de consciência, e por ser um dos fundadores do campo da

psicologia transpessoal e por sua pesquisa em parapsicologia. Seus dois livros clássicos, *Altered States of Consciousness* (Estados Alterados da Consciência) e *Transpersonal Psychologies* (Psicologia Transpessoal), foram textos fundamentais para permitir que essas áreas se tornassem parte da psicologia moderna.

Quando adolescente, ele era ativo no rádio amador e trabalhou como engenheiro de rádio, depois estudou engenharia elétrica no MIT antes de decidir se tornar psicólogo. Ele recebeu seu Ph.D. em psicologia, com pesquisa sobre como influenciar os sonhos noturnos por sugestões pós-hipnóticas, pela Universidade da Carolina do Norte, em 1963, e depois recebeu treinamento de pós-doutorado em pesquisa de hipnose na Universidade de Stanford. Ele se tornou professor no campus Davis da Universidade da Califórnia, estudando aspectos da consciência e da parapsicologia e fez parte da pesquisa original sobre visão remota no Stanford Research Institute.

O Dr. Tart foi estudante de Aikido, meditação, do trabalho de Gurdjieff “Quarto Caminho” e Budismo. Seu objetivo principal é construir pontes entre as comunidades científica e espiritual e ajudar a trazer refinamento e integração mais eficaz das abordagens ocidental e oriental para conhecer o mundo e para o crescimento pessoal e social.

Tradução da entrevista original em inglês: José Ribeiro e Beatriz Vogel

Revisão: Beatriz Vogel